

EMPIRISMO X RACIONALISMO: QUAL A VERDADEIRA ORIGEM DO CONHECIMENTO?

A análise da evolução histórica da ciência nos leva a entender que a origem do conhecimento está intrinsecamente associada à satisfação das necessidades humanas, no sentido de obter instrumentos para se compreender o mundo, transformá-lo e enfrentar os seus desafios. Assim, a simples tarefa pré-histórica de fragmentar uma pedra e fixá-la a uma haste de madeira para permitir intervenções mais eficazes na natureza já expressava uma forma de se lidar com o mundo, visando adaptá-lo às necessidades vitais. Com a invenção desse instrumento tão rudimentar, o homem estava inaugurando a Era da Pedra Lascada e ao mesmo tempo colocando mais um degrau no processo de acumulação e transmissão de conhecimentos. Com repetidas experiências, aprimorou-se aquela técnica e o conhecimento evoluiu ao nível de permitir a confecção de machados baseados em pedra polida. Posteriormente, observou-se que de certas pedras aquecidas em fogueiras fluía uma substância que se tornava sólida após o resfriamento. Depois de sucessivas repetições dessa experiência, o homem primitivo passou a confeccionar machados de metal, dando origem à chamada Idade do cobre. Portanto, nota-se que o desenvolvimento da ciência e o progresso material da humanidade é resultado da soma de conhecimentos gerados por nossos antepassados. Aliás, considera-se que na história da elaboração do conhecimento talvez esteja incluso o momento em que nossos ancestrais perceberam que uma vara poderia ser utilizada para alcançar um fruto mais alto em uma árvore ou ainda que um simples galho poderia servir para se defender ou impulsionar uma prancha de madeira sobre as águas.

Como se vê, a origem do conhecimento realmente está ligada ao processo de descobrir o mundo, identificar seus componentes, compreendê-los e transformá-los segundo as nossas necessidades. Na história de cada indivíduo, esse processo começa nos primeiros momentos de vida e se estende até o fim de sua existência, ou pelo menos enquanto lhe assistir a dimensão significativa da compreensão, pois sem ela os componentes do mundo são apenas coisas do mundo e não objetos para o homem. O pressuposto básico é que o conhecimento nasce da prática com o mundo, enfrentando os seus desafios e resistências e que só alcança sentido pleno quando está conectado com a realidade. Isso significa que, desde a origem, ele tem sido um instrumental gerado pelo homem para que a sua existência transcorra com menos riscos e de forma mais agradável, na medida em que lhe permite agir com mais certeza e segurança.

A história da ciência revela que o trabalho assumiu grande significado no processo de construção do saber. A descoberta e o aprimoramento de ferramentas primitivas, como dentes, conchas, fibras vegetais, couro e cascas converteram-se em martelos, peneiras, arcos, agulhas, raspadores, trituradores e outros instrumentos resultantes do aperfeiçoamento tecnológico que se estende aos dias atuais. O domínio do fogo foi outro importante passo na evolução do saber, até porque originalmente tratava-se de tarefa muito perigosa e difícil, chegando a ser associada a forças sobrenaturais. Entretanto, cumpre observar que, ao confeccionar um machado ou lidar com o fogo, por exemplo, o homem estava implantando apenas o método experimental, visto que a ação sobre o mundo estava baseada apenas em conhecimentos vulgares, ainda destituídos de fundamentação científica. Claramente, ninguém podia explicar os princípios da combustão ou porque uma determinada pedra mostrava-se mais adequada à confecção do machado do que outra.

A respeito da origem do conhecimento humano, questiona-se se a consciência cognoscente está calcada na experiência ou no pensamento, ou seja, de qual das duas fontes ela provém. Os autores afirmam que esse questionamento tanto pode ter um sentido lógico

como psicológico, na medida em que se busque investigar, de um lado, como o conhecimento ocorre no sujeito pensante e, de outro, em que se fundamenta a sua validade ou qual a sua base lógica. Afirma-se que a história da filosofia nem sempre enxerga essas duas questões separadamente, por considerar que o aspecto da validade já implica uma perspectiva psicológica construída. O racionalismo considera que a razão é a principal fonte do conhecimento humano e, como tal, ele deverá ser necessário e desfrutar de validade universal. Os racionalistas afirmam que os juízos baseados no pensamento, oriundos da razão, detém caráter lógico e validade universal e acrescentam que todo conhecimento genuíno depende do pensamento. Assim, segundo esta corrente, o pensamento é a verdadeira fonte e a base real do conhecimento humano.

A forma mais antiga de racionalismo é encontrada em Platão, para quem todo saber genuíno se caracteriza pela necessidade lógica e pela validade universal. Os estudiosos afirmam que Platão está plenamente imbuído da idéia de que os sentidos jamais nos fornecerão um conhecimento genuíno, pois deles não provém um saber propriamente dito, mas uma opinião. Considera-se que o racionalismo tem o mérito de ter visto e destacado insistentemente a importância dos fatores racionais no conhecimento humano, porém afirma-se que ele é unilateral ao fazer do pensamento a única fonte de conhecimento.

Em contraposição, o empirismo nega a tese do racionalismo, afirmando que a única fonte do conhecimento humano é a experiência. De acordo com o empirismo, a consciência cognoscente não obtém seus conteúdos a partir da razão, mas exclusivamente da experiência. Procurando explicá-la, alguns autores lembram que, quando do nascimento, o espírito humano está desprovido de conteúdos, assemelhando-se a uma tábua rasa ou a uma folha em branco a ser preenchida pela experiência. Enquanto o racionalismo se apoiava numa idéia determinada, o empirismo apega-se a fatos concretos, abraçando a tese de que o conhecimento é gerado pela experiência. Desse modo, a experiência assume o status de única fonte do conhecimento.

Afirma-se que a maioria dos racionalistas estava vinculada à matemática, ao passo que os defensores do empirismo estavam predominantemente ligados às ciências naturais. Isso explica o elevado significado que a experiência possui no desenvolvimento das ciências naturais. Como o pesquisador, no campo das ciências naturais, é completamente dependente da experiência, compreende-se sua inclinação preferencial pelos fatores empíricos, isto é, considerar a experiência como a fonte básica do conhecimento humano. Nesse particular, é de se considerar que embora existam dois tipos de experiência: a interna (reflexão) e a externa (sensação), para o empirismo, apenas esta última, aquela que se baseia na percepção sensível, possui validade. Contudo, existem os que admitem a existência de alguns conhecimentos independentes da experiência, como os conceitos matemáticos, por exemplo.

Considera-se que a importância do empirismo para o desenvolvimento da ciência repousa no fato de ele acolher a experiência como fonte de conhecimento, o que foi desprezado pelos racionalistas, mas ainda assim apresenta a desvantagem de assumir uma posição de extremo, apesar de algumas correntes que admitiam a existência de conhecimento independente da experiência. Contudo, ressalte-se que esse não é o caso do filósofo inglês John Stuart Mill, pois segundo ele até mesmo o conhecimento matemático deriva da experiência. Conseqüentemente, esta seria considerada como fonte única do conhecimento e não existiriam proposições lógicas válidas de forma independente, até porque as próprias leis lógicas do pensamento estariam fundamentadas na experiência. Essa postura cética do empirismo diante de qualquer especulação metafísica equivale a aceitar que todo o conhecimento humano está circunscrito ao universo da experiência deixando de existir qualquer outro de natureza supra-sensível. Cabe salientar, contudo, que o mais importante não é discutir a origem psicológica do conhecimento, mas avaliar o seu fundamento lógico. Esta é uma realidade que precisa ser considerada em investigações de natureza científica e, por

consequente, deve orientar a postura do pesquisador em qualquer área de conhecimento, inclusive na Contabilidade, é claro, por menor que seja o seu apreço por métodos de natureza empírica.

José Maria Dias Filho
Professor Doutor da Faculdade de
Ciências Contábeis da UFBA